

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Anna Paula Lombardi
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2019

Anna Paula Lombardi

(Organizadora)

Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

A772 Arqueologia das ciências humanas e sociais aplicadas [recurso eletrônico] / Organizadora Anna Paula Lombardi. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-035-3

DOI 10.22533/at.ed.353191501

1. Arquitetura e urbanismo. 2. Patrimônio cultural. I. Lombardi, Anna Paula. II. Série.

CDD 720

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Arqueologia das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas” aborda uma série de livros de publicação da editora Atena. O volume 1, apresenta 19 capítulos sobre os aspectos relevantes da área de conhecimento da Arquitetura e Urbanismo relacionado aos aspectos gerais das edificações. Os capítulos exibem a preocupação em relatar a importância de preservar os aspectos históricos e culturais que devem ser mantidos através das edificações.

O Patrimônio histórico cultural brasileiro de natureza material e imaterial, previsto na lei é uma forma de garantir a preservação e a história dos edifícios e possibilita manter a cultura em um determinado local e região. Embora, a maioria deles necessita de manutenção, reparos e restauração na materialidade para manter viva a imaterialidade contida nos imóveis.

Neste volume, os capítulos apresentam uma riqueza de detalhes e particularidades das edificações distribuídas em diversas cidades brasileiras. A importância desses estudos, estão evidenciados na formação em nível de graduação e pós-graduação de acadêmicos registrando um salto quantitativo e qualitativo nas últimas décadas corroborando com a relevância dos temas abordados.

Aos leitores desta obra, que ela possa inspirar a criação de novos e sublimes estudos, proporcionando discussões e propostas para um conhecimento significativo.

Anna Paula Lombardi

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A COR E AS SUPERFÍCIES ARQUITECTÓNICAS EM EDIFÍCIOS PATRIMONIAIS: O CASO DA IGREJA DE N. S. DA CONCEIÇÃO DOS HOMENS PARDOS, LARANJEIRAS, BRASIL	
<i>Eder Donizeti da Silva</i> <i>Adriana Dantas Nogueira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915011	
CAPÍTULO 2	18
A GALILÉ NOS CONVENTOS FRANCISCANOS NO NORDESTE DO BRASIL COLONIAL: INTEGRAÇÃO OU SEGREGAÇÃO?	
<i>Ivan Cavalcanti Filho</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915012	
CAPÍTULO 3	33
A IMAGEM COMO SÍMBOLO: UMA FOTOGRAFIA E A MODERNIDADE ARQUITETÔNICA NAS PRIMEIRAS CASAS DE GOIÂNIA	
<i>Ana Amélia de Paula Moura Ribeiro</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915013	
CAPÍTULO 4	49
A IMPORTÂNCIA DA PRESERVAÇÃO LEGAL DO ENTORNO DOS BENS INVENTARIADOS DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL, RS, BRASIL	
<i>Andréia Schneid</i> <i>Ana Lúcia Costa de Oliveira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915014	
CAPÍTULO 5	65
A TAIPA DE CARNAÚBA NO INTERIOR DO PIAUÍ: A INFLUÊNCIA DA GLOBALIZAÇÃO NA DESVALORIZAÇÃO DA CULTURA	
<i>Tayná Rosal Arnaldo</i> <i>Márcia Piauilino Lins</i> <i>Patrícia Mendes dos Santos</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915015	
CAPÍTULO 6	78
ARQUITETURA E URBANISMO EM GOIÂNIA NOS REGIMES DE HISTORICIDADE TELEOLÓGICO E PRESENTISTA	
<i>Wilton Medeiros</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915016	
CAPÍTULO 7	89
CASA ZENON ROCHA: O PRIMEIRO TOQUE DA ARQUITETURA MODERNA NA CIDADE DE TERESINA	
<i>Emanuelle Karenyne Mota Chaves</i> <i>Hugo Bona de Carvalho</i> <i>Beatriz Natália Guedes Alcoforado Aguiar</i>	
DOI 10.22533/at.ed.3531915017	

CAPÍTULO 8 101

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA ATTÍLIO CORREIA LIMA: REQUALIFICAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURA EDIFICADO

Ariene Ferreira Silva

DOI 10.22533/at.ed.3531915018

CAPÍTULO 9 119

DIÁLOGO ENTRE ARQUITETURA E PRESERVAÇÃO DOCUMENTAL

Ana Cristina de Souza

Eliana Maria dos Santos Bahia

DOI 10.22533/at.ed.3531915019

CAPÍTULO 10 136

ESTADO DE CONSERVAÇÃO DE EDIFICAÇÕES PRETENSAMENTE RESTAURADAS: O CASO DO CAMPUS DE LARANJEIRAS DA UFS/SERGIPE/BR

Eder Donizeti da Silva

Adriana Dantas Nogueira

Josefa Luana Oliveira Freire

DOI 10.22533/at.ed.35319150110

CAPÍTULO 11 153

GEOMETRIA E ARQUITETURA: CONSTRUÇÃO DE ESTRUTURAS COMPLEXAS A PARTIR DE MÓDULOS GEOMÉTRICOS

Mariana Tiemi Uemura Kawaguti

Patricia Andrea Paladino

DOI 10.22533/at.ed.35319150111

CAPÍTULO 12 170

GERHARD BORMANN E O CEARÁ: NOVOS MATIZES NO PROCESSO DE DIFUSÃO DA ARQUITETURA MODERNA NO BRASIL

Paulo Costa Sampaio Neto

DOI 10.22533/at.ed.35319150112

CAPÍTULO 13 187

INDÍCIOS DA MODERNIZAÇÃO DA ARQUITETURA ESCOLAR NA DÉCADA DE 1930 EM MANUAIS DE OBRAS PÚBLICAS

Marina Goldfarb

Nelci Tinem

DOI 10.22533/at.ed.35319150113

CAPÍTULO 14 201

O RESGATE E A CONSERVAÇÃO DA MEMÓRIA PROJETUAL E CONSTRUTIVA DO CAMPUS

Claudio Antonio S. Lima Carlos

DOI 10.22533/at.ed.35319150114

CAPÍTULO 15 218

PATRIMÔNIO CULTURAL EDIFICADO EM RISCO: CASOS NO PLANALTO SUL-RIO-GRANDENSE

Liliany Schramm da Silva Gattermann

Mariana Mattei Santos

DOI 10.22533/at.ed.35319150115

CAPÍTULO 16	230
PATRIMÔNIO CULTURAL: DO TOMBAMENTO À RESTAURAÇÃO	
<i>Franciane dos Santos Pereira</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35319150116	
CAPÍTULO 17	241
A (NÃO) DOCUMENTAÇÃO DA MORTE DA ARQUITETURA INDUSTRIAL: ESTUDO DE CASO EM BELO HORIZONTE	
<i>Ronaldo Andre Rodrigues da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35319150117	
CAPÍTULO 18	261
ROTA DA ARQUITETURA RELIGIOSA NO PIAUÍ: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE AS INFLUÊNCIAS ESTILÍSTICAS DAS PRINCIPAIS EDIFICAÇÕES SACRAS DO SÉC. XVII	
<i>Alaiana Rodrigues Lima</i>	
<i>Tiago Silva de Sousa</i>	
<i>Modesto Luis de Sousa Neto</i>	
<i>Naira Oliveira Martins da Silva</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35319150118	
CAPÍTULO 19	274
SANTO ANTÔNIO DE JESUS – RECONSTRUINDO UMA HISTÓRIA CONSCIENTIZAÇÃO CULTURAL ATRAVÉS DA CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DE SANTO ANTÔNIO DE JESUS	
<i>Bruna Andrade Silva</i>	
<i>Jade Andrade Malta Santos</i>	
<i>Luana Veiga Meira</i>	
<i>Vitória Maria</i>	
DOI 10.22533/at.ed.35319150119	
SOBRE A ORGANIZADORA	288

CASA ZENON ROCHA: O PRIMEIRO TOQUE DA ARQUITETURA MODERNA NA CIDADE DE TERESINA

Emanuelle Karenyne Mota Chaves

Instituto Federal do Maranhão - IFMA. Mestre em Políticas Públicas
Caxias - Maranhão

Hugo Bona de Carvalho

Instituto Camillo Filho. Arquitetura e Urbanismo
Teresina - Piauí

Beatriz Natália Guedes Alcoforado Aguiar

Instituto Camillo Filho. Arquitetura e Urbanismo
Teresina – Piauí

RESUMO: O modernismo foi um movimento que envolvia as áreas artísticas e culturais. Os principais ideais modernistas tiveram sua chegada ao Brasil a partir da primeira década do século XX, introduzida através de manifestos como a Semana da Arte Moderna realizada em 1922 em São Paulo. Em Teresina, o modernismo realizado por profissionais com formação universitária em arquitetura surgiu tardiamente, apenas no início da década de 1950. Antes disso, contudo, já eram realizados na cidade edifícios cujas características plásticas remetiam ao modernismo, mas seus interiores eram ainda fortemente influenciados pelo ecletismo. Definida como a primeira edificação modernista em Teresina, a Casa Zenon Rocha destaca-se em sua planta baixa diferenciada, volumetria, setorização, exotismo e harmonia da composição. Idealizada pelo arquiteto Anísio

Medeiros, a residência também tem influência do Ecletismo e apresenta grandiosas medidas para o conforto térmico adequado para uma cidade localizada quase abaixo da linha do equador. O presente artigo tem como objetivo a investigação e registro da importância da Casa Zenon Rocha para o patrimônio arquitetônico teresinense, além de ressaltar o papel do arquiteto Anísio Medeiros. Relatar a chegada desse estilo arquitetônico à cidade e o impacto social e cultural deste projeto diante de todos os cidadãos. O estudo consiste na análise da documentação e bibliografia especializada, no intuito de contribuir com a valorização do patrimônio local.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo; Teresina; Casa Zenon Rocha.

ABSTRACT: Modernism was a movement that involved artistic and cultural areas. The main modernist ideals came to Brazil from the first decade of the twentieth century, introduced through manifestos such as the Modern Art Week held in 1922 in São Paulo. In Teresina, modernism carried out by professionals with a university education in architecture arose late in the early 1950s. Before that, however, already buildings were built in the city, whose plastic characteristics resembled modernism, but their interiors were still strongly influenced by eclecticism. Defined as the first modernist

building in Teresina, Zenon Rocha's House stands out in its differentiated floor plan, volumetry, sectorization, exoticism and harmony of composition. Idealized by the architect Anísio Medeiros, the residence is also influenced by Eclecticism and presents great measures for thermal comfort suitable for a city located almost below the equator. The objective of this article is to investigate and record the importance of Casa Zenon Rocha for the architectural heritage of Teresina, and to highlight the role of the architect Anísio Medeiros. Report the arrival of this architectural style to the city and the social and cultural impact of this project before all citizens. The study consists of the analysis of the documentation and specialized bibliography, in order to contribute with the valorization of the local patrimony.

KEYWORDS: Modernism, Brazil, Teresina, Zenon Rocha's House.

1 | INTRODUÇÃO

A Arquitetura Moderna, consiste em um conjunto de movimentos e escolas arquitetônicas que vieram a caracterizar a arquitetura produzida durante grande parte do século XX (especialmente os períodos entre as décadas de 20 e 60), inserida no contexto artístico e cultural do Modernismo. Não há um ideário moderno único, suas características podem ser encontradas em origens diversas como a Bauhaus, na Alemanha; em Le Corbusier, na França, e em Frank Lloyd Wright nos EUA (COELHO e ODEBRECH, 2007).

No século XIX, com a Revolução Industrial as cidades cresceram rapidamente, sem infraestrutura suficiente para suportar o aumento populacional ocasionado principalmente pelo êxodo rural. Com a chegada de pessoas em busca de trabalho na cidade, aglomerados urbanos com condições precárias de vida começavam a se instalar. Nesse contexto, muitas discussões em busca de soluções surgiram sobre esse tema, a moradia.

Embora o tema habitação estivesse em debate, as escolas de arquitetura no início do século XX continuavam alheias à questão, voltando-se aos ensinamentos tradicionais do ecletismo e distantes da nova realidade industrial que surgia como principal elemento transformador das cidades. A engenharia se destacava como a escola moderna daquela época e desenvolvia-se em paralelo à indústria. Pontes, grandes torres, aviões, automóveis, passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas como as grandes inovações (LE CORBUSIER, 1973). Em 1928, na Suíça, vinte quatro arquitetos, de olhos na realidade industrial, se uniram no castelo de Hélène de Mandrot e organizaram o primeiro Congresso Internacional de Arquitetura Moderna - CIAM, com o objetivo de fazer uma conexão entre arquitetura e sociedade e de fortalecer a ideia de que o arquiteto deve atuar conforme sua época.

O arquiteto Walter Gropius, escreveu um artigo abordando as mudanças decorrentes do aparecimento da indústria e como estas afetaram a rotina familiar,

afirmando que o projeto da casa deveria atender às novas necessidades que surgiram, logo, o modo de morar precisava ser revisto. Propõe-se algumas mudanças como a união de uma série de unidades habitacionais com concentração de serviços - cozinha e áreas de serviço comunitárias, diminuindo assim, o trabalho da mulher. Destaca-se também que o mínimo necessário para uma família viver descentemente muda segundo as condições particulares de cada cidade, região, paisagem e clima (AYMONINO, 1973).

Na Exposição Weissenhof, Le Corbusier publica o livro “Five Points of a New Architecture”, os cinco pontos da nova arquitetura. Segundo Maciel (2002), estes cinco pontos orientaram de modo parcial a concepção das primeiras casas de Le Corbusier, “especialmente na definição de um repertório formal que se adequasse às novas possibilidades tecnológicas recém surgidas, especialmente a impermeabilização e o concreto armado”. Os cinco pontos são os seguintes:

- 1- Pilotis, liberando o edifício do solo e tornando público o uso deste espaço antes ocupado, permitindo inclusive a circulação de automóveis;
- 2- Terraço Jardim, transformando as coberturas em terraços habitáveis, em contraposição aos telhados inclinados das construções tradicionais;
- 3- Planta livre, resultado direto da independência entre estruturas e vedações, possibilitando maior diversidade dos espaços internos, bem como mais flexibilidade na articulação;
- 4- Fachada livre, também permitida pela separação entre estrutura e vedação, possibilitando a máxima abertura das paredes externas em vidro, em contraposição às maciças alvenarias que outrora recebiam todos os esforços estruturais dos edifícios;
- 5- A janela em fita, ou fenêtre en longueur, também consequência da independência entre estrutura e vedações, se trata de aberturas longilíneas que cortam toda a extensão do edifício, permitindo iluminação mais uniforme e vistas panorâmicas do exterior (MACIEL, 2002).

Novas ideias relativas ao conforto e normas de convívio foram colocadas em prática na casa moderna, aliadas ao progresso das técnicas construtivas. Quanto aos ambientes, ocorreu um desuso de alguns ambientes e a superposição de atividades em outros, como é o caso da copa, considerada desde a década de 20 uma área de estar importante para a família, e que foi perdendo a importância aos poucos e desaparecendo das casas. A sala de visitas e a de jantar, por exemplo, que na casa tradicional aconteciam separadamente, sendo a primeira usada somente em ocasiões especiais, na casa moderna aparecem em um único ambiente que conforma a zona de estar e lazer da família (LEMOS, 1996).

A origem da arquitetura moderna brasileira encontra-se no movimento artístico brasileiro do início do século XX, cujo ápice e consolidação se deram com a Semana de Arte Moderna de 1922, transcorrida na cidade de São Paulo, em fevereiro daquele ano

(FRACALOSSO, 2011). De acordo com Igor Fracalossi, a Semana de 22 proporcionou três enfoques fundamentais para o desenvolvimento do movimento moderno brasileiro: um tom polêmico e depreendido, uma busca por criar uma identidade nacional, e um desejo por liberação.

Mario de Andrade e Oswald de Andrade não só participavam, como eram os principais “construtores” dos postulados modernos da vanguarda de sua época. Tais postulados se traduziam na união das ideias da vanguarda erudita com elementos da cultura tradicional e popular (CAVALCANTI, 1987).

Alguns anos mais tarde, tais ideias parecem ter influenciado o pensamento de Lúcio Costa na sua visão da arquitetura moderna com viés tradicional. Essas influências estão expressas claramente no texto *Documentação Necessária*, de 1938, no qual Lucio cria uma trama evolutiva que interliga a arquitetura do nosso passado colonial com a arquitetura moderna. Partindo da análise da arquitetura de Portugal adaptada às condições brasileiras, vai traçando um processo evolutivo para essa arquitetura que culmina “naturalmente” na arquitetura moderna (COSTA, 1995).

Com uma chegada tardia, o movimento modernista surge em Teresina apenas no início da década de 50. Antes disso, contudo, já eram realizados na cidade edifícios com características plásticas que remetiam ao modernismo, mas com interiores fortemente caracterizado pelo ecletismo. Produção essa feita por leigos em arquitetura com conhecimentos baseados em revistas, viagens a outras cidades ou até mesmo obras dos arquitetos da cidade. Há, entretanto, uma diferença de qualidade perceptível entre os projetos arquitetônicos concebidos pelos dois grupos de profissionais, isso está expresso na harmonia das formas plásticas, na inovação de arranjar aos ambientes em planta baixa e no esmero conferido aos detalhes construtivos, características essas muito melhor exploradas por arquitetos graduados.

Assim, a análise tem relevância para a cidade de Teresina e sua história no que se refere da Arquitetura Moderna brasileira, onde a construção de edifícios modernos foi bastante verificada ao longo dos anos. É necessário entender que por ser uma pesquisa de referência no Piauí, o campo de pesquisa e específico, a Casa Zenon Rocha, a primeira casa de Arquitetura Moderna da cidade de Teresina – Piauí. Localizada no centro da cidade, a casa escolhida faz parte da história arquitetônica local e brasileira, tendo sua preocupação com a forma, conforto, paisagismo e as pessoas que a habitavam. Servindo como base para entender a arquitetura moderna, suas adaptações para a região e sua relação com a cidade moderna e com o centro histórico de Teresina ao mesmo tempo.

Aos 99 anos, hoje a dona da primeira residência de arquitetura moderna na cidade de Teresina, Dona Alzair de Carvalho Rocha, ainda reside na casa. Mesmo após a morte do marido, Dr. Zenon Rocha em 1990, a casa continua habitada e conservada por sua esposa e alguns empregados que se revezam. Com os relatos da própria Dona Alzair e do Joel, filho de empregados que foi criado dentro da casa desde pequeno, temos uma boa base sobre como tudo aconteceu desde aqueles anos de

1952 até hoje.

O arquiteto escolhido para conceber o projeto era amigo do casal, Anísio de Araújo Medeiros, que na época morava no Rio de Janeiro e estava por dentro dos acontecimentos nacionais e internacionais da área. De acordo com Dona Alzair, Anísio ficou muito entusiasmado com o convite e disse que faria uma casa que entraria para a história, e foi exatamente o que aconteceu.

Até então nenhuma casa havia sido erguida em Teresina com as linhas, formas e diversos outros aspectos modernos propostos por Anísio. A casa se tornou atração para pedestres que passavam pela rua e paravam para observar e admirar a arquitetura inovadora para a época. Até os dias de hoje, profissionais e estudantes do curso de arquitetura pleiteiam constantemente visitas para conhecer os traços arquitetônicos desse imóvel de 660m² emblemático e tão representativo.

2 | MODERNISMO NO BRASIL – EFEITOS EM TERESINA

A história da Arquitetura Moderna no Brasil é a história de um punhado de jovens e de um conjunto de obras realizado com uma rapidez inacreditável. Em poucos anos, uma ideia que teve apenas o tempo de lançar suas raízes, em São Paulo e no Rio de Janeiro, floresceu e alcançou uma maturidade paradoxal. Não demandou sequer, como se poderia supor, o tempo de uma geração, mas apenas os poucos anos de passagem de uma turma pela escola de arquitetura. Em seu ensaio sobre arquitetura brasileira, Lúcio Costa, cujo papel nessa história jamais será suficientemente louvado, ao analisar o período que vai de 1930 a 1940 e que antecede a construção do Ministério da Educação e Saúde, assinala com propriedade que “a arquitetura jamais passou, noutro igual espaço de tempo” (MINDLIN, 1999; FICHER, ACAYABA, 1982).

Naqueles dez anos, no Brasil, a arquitetura internacional se tornou arquitetura brasileira. Esse desenvolvimento extraordinário, cujas raízes podem ser encontradas em condições históricas favoráveis, apareceu, todavia, como uma mutação inesperada, que um determinismo estrito não conseguiria explicar. Talvez a explicação deva ser procurada antes nos fatores subjetivos de preparação espiritual e de ambiente intelectual do que na evolução da arte da construção ou no desenvolvimento industrial do país (MINDLIN, 1999).

O caráter próprio que a Arquitetura Moderna brasileira rapidamente assumiu, e que a distingue dos movimentos similares na Europa e na América do Norte, também estava ligado a essa mesma tradição. No Brasil, revelou-se uma nova produção, repleta de charme e novidade, a primeira aplicação em larga escala dos princípios de Le Corbusier, Gropius e Van der Rohe, uma arquitetura que se havia materializado mais cedo em outras partes do mundo, na primeira fase da Arquitetura Internacional, mas que no Brasil tinha agora encontrado sua expressão artística. Houve um imediato e entusiástico reconhecimento externo, e o Brasil se deu conta de que sua Arquitetura

Moderna era uma das suas mais valiosas contribuições à cultura contemporânea (REIS FILHO, 1983; Cf. BRUAND, 1991).

As primeiras casas cujos projetos não apresentavam mais as influências da escola clássica datam dos primeiros anos do século XX. Estes projetos foram idealizados por arquitetos de vanguarda, que passaram a buscar novos caminhos que levassem a uma arquitetura adequada à sociedade industrial. A industrialização trouxe mudanças que refletiram na estrutura e costumes familiares. (...) com o movimento moderno, surgem vários estudos encaminhados a compreender que a obra de arquitetura não seria um organismo com vida própria, havendo uma relação de dependência com o ser que a habita. O edifício passa a ser entendido como estrutura reflexiva, alimentada pelos incessantes impulsos sociais (MIGUEL, 2005).

Os edifícios deveriam ser econômicos, limpos, úteis. Neste sentido, duas máximas permearam o período do moderno: “Menos é Mais” frase cunhada pelo arquiteto Mies Van der Rohe e “A Forma Segue a Função”, do arquiteto proto-moderno Louis Sullivan. Estas sentenças sintetizam bem o ideário moderno, ainda que em vários momentos tenham sido confrontadas (BENEVOLO, 1976).

A casa tradicional com suas paredes autoportantes foi aos poucos dando lugar à casa moderna. A edícula, localizada no quintal, foi integrada à construção principal, surgindo assim as áreas de serviços, ocupando geralmente parcelas dos afastamentos dos lotes. A organização frente-fundo, hierarquizada, foi substituída pela valorização de todas as fachadas, sendo possível encontrar na frente do lote a nova área de serviço devidamente protegida por muros. O paisagismo foi aos poucos sendo valorizado e os velhos quintais foram transformados em pátios e corredores, que quando conformavam jardins, faziam a ligação entre espaço externo e interno. Ambientes como a cozinha e banheiros ganharam igual importância no tratamento arquitetônico. A organização espacial acontecia em prol da valorização da vida familiar, então, os arquitetos buscavam continuidade espacial através da integração de ambientes como as salas e até, em casos mais inovadores, a cozinha (REIS FILHO, 1978).

Em 1937, mesmo sem um volume de trânsito que pudesse justificá-la, foi aberta a Avenida Presidente Getúlio Vargas, hoje Frei Serafim, e inaugurada a iluminação pública elétrica. Porém, o início do fornecimento desses serviços urbanos não significou o acesso a eles por toda a população: “ainda em 1952 Teresina padecia de tristíssimas condições de conforto, em todos os sentidos. Péssimo calçamento das ruas. ausência de higiene, falta de escolas, mendicância generalizada”. (NASCIMENTO, 2002)

As melhorias urbanas, apesar de restritas a um segmento da população, continuaram a acontecer. No fim da década de 1920, a vizinha Flores - hoje Timon - já estava ligada a São Luís por linha férrea, demandando apenas uma ponte sobre o Rio Parnaíba para trazê-la a Teresina, que foi inaugurada em 1939. Da década de 1930 é a ponte de madeira sobre o Rio Poti, que ligava ao litoral do estado. Somente após 1940, quando o Piauí passa a ser o principal produtor [de cera de carnaúba] do país, superando o Estado do Ceará, o crescimento da capital piauiense foi retomado: entre

1940 e 1960, a população da cidade aumentou de 67.641 para 142.691 habitantes.

Ainda que se tratasse do fenômeno da “urbanização sem indústria”, a prosperidade do ciclo da carnaúba criou um clima de progresso, expresso no grande número de construções públicas e privadas que aconteceram a partir de então. Em parte, devido ao lucro obtido, o endereço das famílias mais abastadas mudou do núcleo original, às margens do Rio Parnaíba, para o entorno da Avenida Frei Serafim, onde os edifícios mais precários foram eliminados à força para ceder lugar aos palacetes. Em 1952, época na qual a casa Zenon Rocha foi construída, o local era considerado “arredor” do centro urbano, muito ventilado, por estar em uma região alta (conhecida pelo nome de Alto da Moderação) e possuidora de uma densa massa de vegetação, composta por mangueiras. (NASCIMENTO, 2002)

3 | UM PASSEIO PELA CASA ZENON ROCHA

A chegada tardia desse estilo arquitetônico, modernismo, a cidade de Teresina, resultou em uma arquitetura diferenciada do seu estilo original. Devido ao clima diferenciado, estações do ano complicadas, incidência solar de grande nível e outros aspectos naturais que com o tempo agravaram-se. A casa Zenon Rocha (fig. 01) possui planta com característica forte do modernismo, mas com mudanças consideráveis através da caneta do arquiteto Anísio Medeiros.

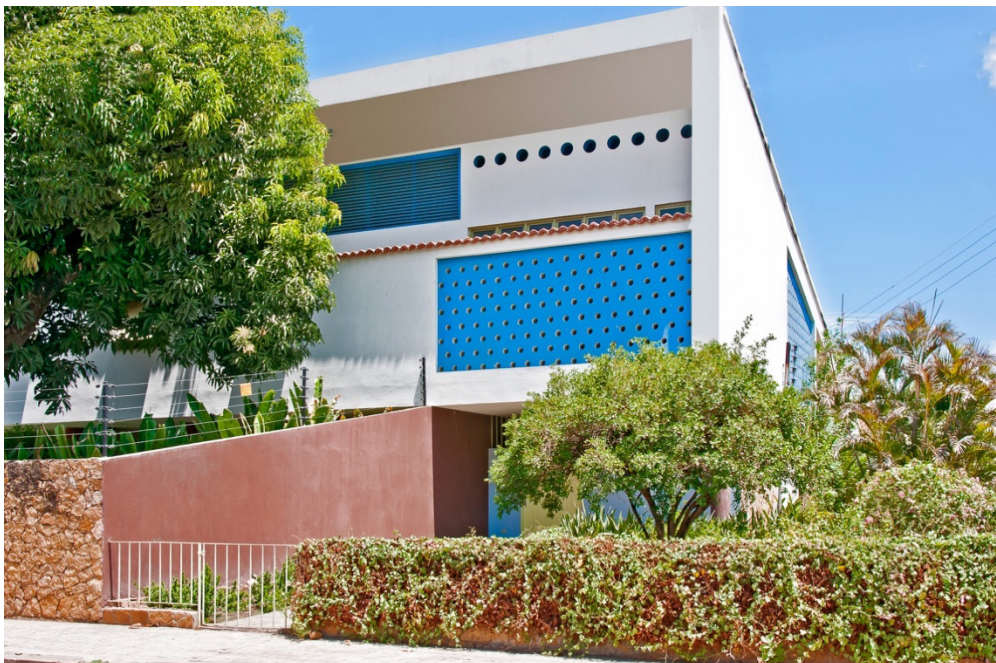


Fig. 01 - Fachada principal da casa Zenon Rocha.

Fotografia: Manoel Soares

O edifício pretendia incluir o máximo dos itens de conforto e status disponíveis no início dos anos 1950. como salas de estar e jantar integradas, suíte, escritório e garagem, por exemplo. O hall de entrada (fig. 02) foi criado para filtrar os acessos à

casa, como já era usual em casas ecléticas, distribuindo-os para a área social, para a íntima ou especificamente para o escritório, através da varanda. A sala de estar foi criada já prevendo o futuro uso da televisão, que ainda estava chegando ao Brasil, por isso, na casa Zenon Rocha a varanda foi elevada a protagonista da área social, um amplo espaço sob pilotis, de uso múltiplo: para conversar intimamente, fazer artesanato e até servir refeições para muitos convidados. A sala de jantar acabou virando um mero apêndice, ambiente ocioso a maior parte do tempo, pois a família preferiu se reunir durante as refeições na copa, por ser uma área mais reservada e dirimente ligada à cozinha.

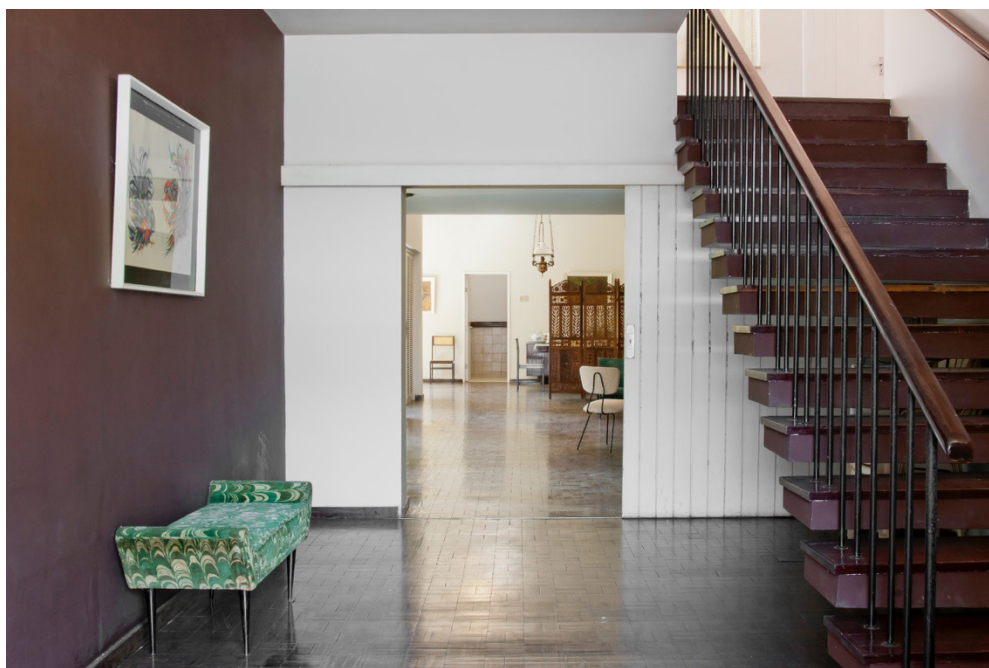


Fig. 02 - Hall de entrada da casa.

Fotografia: Manoel Soares

Apenas vinte anos depois, no início da década de 1970, foram inaugurados o sinal da televisão em Teresina e o aparelho receptor, cujo fora instalado na sala de estar, que finalmente assumiu a função de reunir a família e reduziu a atração pela copa e a varanda. O escritório está integrado à área íntima por uma das escadas, situação adequada ao cotidiano, mas tem acesso pela área social para garantir a privacidade quando usado como consultório em situações excepcionais. Essa alternativa foi prevista para que o Dr. Zenon, sendo médico e trabalhando fora, eventualmente pudesse atender em casa. Desta forma, o ambiente teria normalmente a privacidade de uma sala de estudos próxima aos quartos, mas reversível a consultório com acesso para a rua.

Sobre a ala de serviço, é perceptível sua importância para aquela família: com entrada independente a partir da garagem, graças ao lote de esquina, esta parte da casa adquiriu vida própria durante o dia. Nela percebe-se a intenção do arquiteto de inovar, agregando todas as atividades relacionadas no corpo principal da casa, desde

as garagens até o quarto de empregados. Enquanto durassem os afazeres domésticos, a copa e a cozinha eram os locais de maior atividade na casa. A única coisa que o arquiteto Anísio Medeiros não previu e que se tornou uma certa incompatibilidade com o seu projeto totalmente modernista, foi a não utilização da cozinha para serviços pesados, para evitar a desordem ocasionada pelos empregados no desempenho de suas tarefas e manter a cozinha sempre digna de receber visitas, os proprietários optaram posteriormente pela construção de uma edícula, uma espécie de cozinha no quintal, a única alteração no projeto original, um costume antigo, remanescente do período colonial herdado dos índios. As garagens servem também para evidenciar a posse de um carro pela família, na época então um luxo para poucos, assim como o banheiro reversível e o vestuário nos aposentos do casal, tidos como símbolo de status.

Na ala íntima foram projetados três quartos com dimensões iguais. O fato de que na época do projeto a família ainda não estava completa - apenas um dos quatro filhos do casal havia nascido - deve ter influenciado o arquiteto a criar espaços iguais para meninos e meninas. Porém nasceu apenas um filho homem, que ocupou sozinho um dos quartos, enquanto as três mulheres dividiam o segundo e o casal ocupava o terceiro, que possui um vestiário e acesso privativo ao banheiro – sinal da existência de uma hierarquia doméstica nessa ala – outro cômodo existente, menor que os demais, foi reservado ao hobby do Dr. Zenon: o rádio-amador.

Quanto à sua volumetria, a casa Zenon Rocha destaca-se pelo exotismo e harmonia da composição. Vista da rua, o bloco compacto parece ser um grande prisma cortado obliquamente, em forma de cunha. O volume da ala de serviços, muito discreto a partir da fachada principal, contrapõe-se ao prisma maior. As fachadas externas são ricas em cores e texturas: exploram a oposição entre o branco predominante da alvenaria, os trechos em pedra nativa, o azul dos elementos vazados, o marrom dos pilares e o amarelo das esquadrias em venezianas em madeira. O grande prisma é apenas aparente, sendo formado pela junção dos blocos social, íntimo e de serviços, com planta em U.

Planta baixa diferenciada em relação às residências teresinenses construídas até então. Anísio Medeiros concebe por primeira vez na cidade de Teresina, um projeto com resolução de planta adotando critérios modernos: modulada, setorizada por áreas, criando espaços de lazer cobertos no pavimento térreo através da adoção de pilotis, valorização do espaço interno devido à criação de mezanino, e acesso ao pátio interno ajardinado e composto de árvores frondosas que criam um agradável conforto térmico na casa. A cidade por possuir um clima quente úmido, tendo apenas duas estações climáticas, uma seca e outra chuvosa, com uma alta taxa de insolação, necessitava de uma maior atenção às soluções climáticas, e por isso, pode-se observar o emprego de diversas propostas em busca do conforto ambiental, como por exemplo, a correta orientação solar das zonas espaciais, a abertura generosa de panos de esquadrias vazadas em persianas de madeira, a utilização de “buzinotes” que permitiam a

circulação constante do ar nas fachadas, espaços internos com altos pés-direitos, transparências e integrações espaciais, e o uso de pátios internos (fig. 03).



Fig. 03 - Pátio interno sob pilotis.

Fotografia: Manoel Soares

Desperta interesse na solução volumétrica, a adoção do teto ‘asa de borboleta’, utilizado inicialmente por Le Corbusier e posteriormente empregado de forma constante na linguagem plástica de Niemeyer em diversos projetos brasileiros, e que se tornou uma solução bastante usual na arquitetura brasileira, por solucionar os problemas climáticos tropicais, ao substituir os tetos planos, por telhados cerâmicos inclinados, sendo bastante encontrados em projetos modernos.

Sobre o arquiteto, Anísio de Araújo Medeiros nasceu em Teresina no ano de 1922. Ainda jovem, fixou endereço no Rio de Janeiro, onde se formou arquiteto em 1948 pela Faculdade Nacional de Arquitetura. Desde a época de estudante, Medeiros dedicava-se também a outras artes. Em 1947 concebeu um painel para o Conjunto Pedregulho, no início dos anos 1950, enquanto desenhava a sede de um clube em Araguari, Minas Gerais, viajou ao Piauí para rever a família e recebeu algumas encomendas, como a casa Zenon Rocha ainda preservada. Elaborou os painéis que integram o projeto para o Monumento aos Pracinhas, no Rio de Janeiro, para a escola Dom Silvério e para a casa Nanzita Gomes. Em 1956, Medeiros conquistara o prêmio de Viagem ao Estrangeiro do Salão Nacional de Arte Moderna. A partir dessa época, ele passou a se dedicar profissionalmente ao trabalho de cenografia em teatro. Ganhou o prêmio de Melhor Figurino e Melhor Cenografia do Festival de Brasília de 1968 e 1969 e o Coruja de Ouro do Instituto Nacional do Cinema. Enveredava pelo mundo do cinema quando projetou a casa David Cortellazzi, em 1968 (demolida), desenhou ainda o Igará Clube hoje abandonado em Parnaíba, e o late Clube totalmente descaracterizado em

Teresina, além de residências em Minas Gerais. Lecionou disciplinas relacionadas às Artes Plásticas e arquitetura no Rio de Janeiro, na Universidade Santa Úrsula e na Uni-Rio. Faleceu aos 80 anos. em 26 de março de 2003.

4 | NOTAS FINAIS

A edificação pesquisada apresenta características que denotam a qualidade projetual do arquiteto Anísio de Araújo Medeiros, que trabalhava com critérios modernos, buscando uma identidade visual e construtiva, caracterizada pela atenção ao detalhe, à estrutura e à realidade climática. É importante mencionar que há um profundo desconhecimento por parte de técnicos preservacionistas da importância do trabalho do arquiteto citado. Há muito ainda por ser estudado sobre esta produção arquitetônica piauiense de Anísio, bem como, as suas atuações em outras cidades brasileiras, ainda não investigadas.

A Casa Zenon Rocha está em bom estado de conservação e é protegida legalmente pela Prefeitura de Teresina, acredita-se que o rigor com a preservação de suas características originais tenha como maior defensora nos dias atuais a matriarca da família, Sra. Alzair, mas que pela sua avançada idade, em um futuro próximo a residência terá como seu destino uma incógnita, já que a casa e o terreno super valorizado são alvos de sucessivas propostas de negócio por parte dos vizinhos Marko Informática e Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs) que certamente tem a intenção de usar o espaço para fins comerciais. Teme-se que o valor histórico de grande importância pela relevância em estudos sobre a arquitetura moderna brasileira não seja respeitado pelo fato de a construção não ser considerada tão antiga quanto outros prédios da cidade e que esse patrimônio não seja descaracterizado ou até mesmo demolido como aconteceu com outra grande obra do Anísio, a casa dos Cortelazzi que foi construída em 1968 e foi ao chão em 2004 para dar lugar a um supermercado na zona leste da capital.

Estudar a Casa Zenon Rocha reforça a importância da preservação arquitetônica de Teresina que conta a história da cidade e de seus habitantes, construção de uma memória viva, pulsante que atravessa as ruas, casas e paredes.

REFERÊNCIAS

AYMONINO, Carlo. **La vivienda racional**. Barcelona: G. Gilli, 1973. 313p.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

CAVALCANTI, L. Le Corbusier, **o Estado Novo e a formação da arquitetura moderna brasileira**. Projeto, São Paulo, n.102, p. 161-3, ago. 1987.

Coelho, A. and Odebrecht, S. (2007). **Arquitetura moderna: reconhecimento e análise de edifícios**

representativos em Blumenau, SC. 13th ed. Blumenau-SC: Dynamis revista tecno-científica, p.46. Disponível em: <http://gorila.furb.br/ojs/index.php/dynamis/article/viewFile/370/347>. Acessado em: 28 de setembro de 2017.

COSTA, L. **Registro de uma vivência.** São Paulo: Empresa das Artes, 1995.

LE CORBUSIER. **Por uma Arquitetura.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

LE MOS, Carlos. **História da Casa Brasileira.** História do Contexto, 1989. 83p.

FICHER, Sylvia, ACAYABA, Marlene Milan. **Arquitetura Moderna Brasileira.** São Paulo: Projeto, 1982.

FRACALLOSSI, Igor. “**Origens de uma Arquitetura Moderna Brasileira**” 29 Dez 2011. ArchDaily Brasil. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/16500/origens-de-uma-arquitetura-moderna-brasileira>. Acessado em: 27 de setembro de 2017.

MACIEL, Carlos Alberto. **Villa Savoye: arquitetura e manifesto.** [2002]. 6p. Disponível em: www.vitruvius.com.br/arquitextos/. Acessado em: 28 de setembro de 2017.

MIGUEL, Jorge Marão Carnielo. **A Casa.** São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005. 253p.

MINDLIN, Enrique E. **Arquitetura Moderna no Brasil.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 1999.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência em Teresina;** Fundação Monsenhor Chaves: Teresina, 2002.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil.** 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. P 88-95

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-035-3

